

PROGRAMA EDUCAÇÃO E FAMÍLIA



OFICINA PEDAGÓGICA

**DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO NAS
RELAÇÕES DO COTIDIANO NO AMBIENTE
ESCOLAR**

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Básica – SEB

Diretoria de Formação Docente e Valorização de Profissionais da Educação – DIFOR

Coordenação-Geral de Formação de Gestores e Técnicos da Educação Básica – CGFORG

Programa Educação e Família – PEF



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Brasília/DF
2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO.....	6
CADERNO DO FACILITADOR	9
Função do facilitador.....	9
Perfil do facilitador.....	10
Preparo do facilitador para a oficina.....	11
Antes do encontro/ da oficina	11
Durante o encontro/ a oficina	11
Depois do encontro/ da oficina	12
CADERNO DO PARTICIPANTE	14
Função do participante	14
Perfil do participante.....	15
Preparo do participante para a oficina.....	16
Antes do encontro/ da oficina	16
Durante o encontro/ a oficina	16
Depois do encontro/ da oficina	17
OFICINA	19
Descrição da oficina	19
Objetivos	19
Metodologia	20
Competências a serem desenvolvidas.....	20
Público-alvo	21
Recursos necessários	22
Recursos Humanos.....	22
Recursos Materiais	22
Recursos Digitais	22
Recursos Financeiros.....	23
Local.....	25
Tempo	25
Divulgação.....	26
Impacto esperado.....	26
Referências.....	26
ETAPAS DA OFICINA	27
Primeira etapa	27
Segunda etapa	27
Terceira etapa.....	28
ENCONTROS DA OFICINA.....	28
Primeiro encontro	28
Tema	29
Roteiro detalhado	29
Objetivos.....	33
Recursos.....	33
Avaliação.....	33
Segundo encontro.....	34
Tema	34
Roteiro detalhado	34
Objetivos.....	38

Recursos.....	38
Avaliação.....	38
Terceiro encontro	39
Tema	39
Roteiro detalhado	39
Objetivos.....	43
Recursos.....	43
Avaliação.....	44
Quarto encontro	44
Tema	44
Roteiro detalhado	44
Objetivos.....	48
Avaliação.....	49
Continuidade.....	49
MATERIAL DE APOIO	50
Livros	50
Vídeos	51
Curso.....	51
ANEXOS.....	52
ANEXO A: Dinâmica sobre criação de vínculos.....	52
ANEXO B: Criação de vínculos	53
ANEXO C: O que é, os tipos e os sujeitos da violência.....	54
ANEXO D: Escuta ativa e a cultura colaborativa	55
ANEXO E: Dinâmica sobre comunicação não-violenta.....	56
ANEXO F: Comunicação não-violenta.....	58
ANEXO G: Passos para a comunicação não-violenta	59
ANEXO H: Trilha formativa dessa oficina.....	60
ANEXO I: Organização dos encontros	61
ANEXO J: Avaliação dos facilitadores	62
ANEXO K: Proposta para a Educação Infantil.....	63
ANEXO L: Proposta para continuidade da oficina durante todo ano letivo.....	76

APRESENTAÇÃO

A oficina apresentada nesse documento é uma proposta pedagógica vinculada ao **Programa Educação e Família**. A divulgação de saberes e a democratização do acesso ao conhecimento apresentado nesse documento é parte do compromisso do Programa Educação e Família.

OFICINA: Desafios da Comunicação nas Relações do Cotidiano no Ambiente Escolar

PÚBLICO-ALVO: Estudantes, professores, diretores de escola, famílias, profissionais da educação, representantes da comunidade local e conselheiros escolares (todo o corpo escolar)

PERIODICIDADE: Oficina com ciclo de três etapas, sendo cada encontro semanal ou quinzenal, com atividades presenciais.

DIVULGAÇÃO: Convite formal a ser enviado para a comunidade escolar. Também podem ser usados os meios digitais, com publicação nas redes sociais ou no *site* da unidade escolar (caso possua). Meios físicos podem, e devem ser usados de forma a intensificar o convite: produção de cartaz e/ou banner na entrada da escola, pátio e/ou murais.

FINALIZAÇÃO: Divulgação da oficina na aba “Projetos da Escola”, no aplicativo **Clique Escola**, após realização da oficina.

Jéssica Veloso Morito, Maria Cecília Luiz. [Autoras.]

Desafios da Comunicação nas Relações do Cotidiano no Ambiente Escolar. [Oficina pedagógica]. São Carlos: Autoras, 2022. [Documento Eletrônico]. – Brasília/DF.

RECURSO DIGITAL FORMA DE ACESSO: World Wide Web

CAPA/DIAGRAMAÇÃO/IDENTIDADE VISUAL: Jéssica Veloso Morito

FORMATO: PDF.

ISBN: 978-65-00-62004-7 [digital]

1. Oficina. 2. Educação. 3. Programa Educação e Família. I. Título.

CDD – 371.37

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Recurso Educacional Aberto (REA)

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores. Além disso, é proibida a venda desse material que possui distribuição gratuita.

INTRODUÇÃO

O Programa Educação e Família propõe ações articuladas que visam atender as necessidades de formar cidadãos plenos de capacidades e saberes. Como uma política pública de educação de abrangência nacional, para sua exitosa implementação, irá requerer muito além de uma simples adesão por parte do ente federativo; mas a colaboração de cada indivíduo como parte fundamental no funcionamento dessa engrenagem.

Nessa perspectiva, surgem como ações práticas para tecer laços entre a família e a escola, em prol da consolidação de novos rumos que transformem a educação: as oficinas pedagógicas. As oficinas são ferramentas no processo de aprendizagem que fomentam a construção de identidades voltadas para a reflexão com base nas experiências vivenciadas no chão da escola.

As oficinas pedagógicas são sistemas, em que o ensino e a aprendizagem acontecem na troca de conhecimentos através da realização de dinâmicas, em que se valoriza o conteúdo em sua totalidade, ligando os ensinamentos científicos, os saberes e os conteúdos adquiridos pela vivência (do cotidiano) (LEITE; VIDA, 2022).

Pensando nesse processo interligado na construção de novas aprendizagens, algumas temáticas, sejam elas por suas complexidades ou sensibilidades, podem ser trabalhadas em oficinas pedagógicas. Esse é o caso do tema da **violência**.



Mas, afinal, o que é violência?

Violência é a ruptura do processo comunicativo (as pessoas não dialogam para resolver os conflitos) que causa o não reconhecimento do outro, negando a dignidade humana do sujeito (imposição ao outro do que julgo certo ou errado), punindo-o por não corresponder às expectativas geradas (conjunto que causa danos físicos, psicológicos e/ou sociais) sobre os indivíduos pertencentes a um dado coletivo/grupo.

Os conflitos (desentendimentos) são pontos de articulações importantes, porque significam que no local há espaço para que todos possam se manifestar, expor suas ideias e opinar sobre questões que interferem no grupo; mas, precisam ser mediados, problematizados e direcionados para virar potencializadores de representatividade do eu, do outro e do nós. Contudo, quando são deixados de lado ou ofuscados podem, e geralmente, culminam nas situações de violência.



E o que são as situações de violência na escola?

As situações de violência na escola são os resultados de interações em que não houve a mediação dos conflitos, permitindo que a tensão criada pelas diferenças fosse transcrita em forma de repúdio, opressão, ofensas ou silenciamentos.

Essas situações de violência quando acontecem dificultam o processo de ensino e aprendizagem, foco de toda escola. Esse cenário distancia os sujeitos do espaço escolar e das próprias interações com seus iguais, fazendo com que a escola perca o sentido para aquele indivíduo: ele não se sente parte do grupo escolar, não se sente bem no espaço, e muitas das vezes, não acha que é representado nas decisões e direcionamentos tomados.

Por isso, é importante criar espaços de escuta ativa (escutar para além da sonoridade, mas como o corpo fala, a voz, os gestos, etc.) através de consensos que incentivem a prática de ações colaborativas (com a participação de todos, em todo o processo), com a finalidade de se manter as relações interpessoais dentro da perspectiva da empatia, da alteridade e do acolhimento.

No fim, as oficinas vêm ao encontro dessa proposta, porque acontecem na troca de conhecimentos, ou seja, é necessário que todos participem, sejam escutados e tenham a garantia de ter o que dizem/argumentam/opinam levado em consideração com o mesmo peso que qualquer outra contribuição; construindo conjuntamente as decisões e os caminhos que serão tomados; assim o resultado terá a intervenção de todos.

REFERÊNCIAS

LEITE, M. C. da S. R; VIDA, F. A. B (Orgs.). *Oficinas pedagógicas e iniciação à docência: experiências do IFCE – Campos Canindé*. Fortaleza: Imprece, 2022.

CADERNO DO **F**ACILITADOR

CADERNO DO FACILITADOR

O facilitador será a pessoa que desempenhará a função de orientar, instruir e mediar a atividade na oficina.

Função do facilitador

O facilitador é o indivíduo, seja ele um profissional de determinada área ou algum participante da comunidade escolar, que trata do processo de aprendizagem e ensino. Ele é designado para auxiliar tanto no individual, quanto em grupos. É dele a função de conduzir o grupo, estimulando nas mais diversas formas as interações.

É função do facilitador possuir algum domínio, seja por já ter conhecimento na área ou por estudar previamente sobre o tema para conduzir a oficina, do que será abordado; além disso, deve procurar meios de intervir para desenvolver o potencial dos participantes, como também mediar quando houver qualquer conflito. Esse papel requer preparo, estudo, sensibilidade e habilidades (cognitivas e sociais) em dar suporte para que a colaboração aconteça.

O facilitador é um líder. Essa liderança deve conduzir ao bem comum, criando um espaço de confiança, potencializar a capacidade do grupo de criar soluções e caminhos para os fins almejados. Outro ponto, o facilitador é capaz de identificar as fortalezas e dificuldades dos participantes do grupo, fazendo mediações para que todos os participantes desenvolvam a autonomia; ressignificando o exercitar do pensar e se colocar em meio a um grupo/coletivo: aprender a importância da liberdade de expressão.

O facilitador tem a função de conduzir a atividade proposta na oficina, sendo necessário ao menos um para cada encontro, podendo ser o mesmo para todos os encontros, ou alternado com outras pessoas, caso necessário. A escolha deve considerar a finalidade do encontro, considerando o perfil do facilitador; contudo, o preparo para essa ação deve ser igual para quem quer que seja.

O facilitador é responsável por um grupo de participantes, atuando no acompanhamento das interações desse conjunto. O contato com o grupo deve ser próximo, e sempre que possível, contínuo, oferecendo ajuda durante os encontros, além de fazer o resgate semanal do que já foi abordado/discutido, com o objetivo de aproximar

os participantes, entre si e com a atividade, e diminuir o índice de desistência (possível) da oficina.

Perfil do facilitador

O facilitador deve ser parte do grupo que conduzirá a oficina. Quando houver convidados externos, sempre deve haver alguém do corpo escolar no processo de mediação, mesmo que não atue diretamente naquele encontro.

Além disso, ele precisa escutar não apenas o que é dito, mas compreender os valores por trás dos discursos das pessoas, seus modos de se comunicarem, como as expectativas e as frustrações dialogam entre si e com aquele dado grupo.

A atuação do facilitador exige estratégias de planejamento, interação, mediação, acompanhamento e avaliação das diversas etapas da oficina, tendo por princípio a colaboração.

Espera-se do facilitador as seguintes habilidades:

- Gestão de tempo (Saber organizar os encontros da oficina)
- Gestão de grupos (Saber liderar pessoas e grupos)
- Gestão de conflitos (Conseguir mediar situações de discordância ou desavenças)
- Habilidades socioemocionais (Sem julgamentos considerando valores pessoais)
- Empatia (Se colocar no lugar do outro, tentando compreender os *porquês* da situação)
- Assertividade (Ser direto, pontuar sem fazer ligações de conteúdo desnecessárias)
- Escuta ativa (Escutar o que é dito, sentido, seja isso enunciado claramente ou não)
- Liderança (Entender que ser um facilitador é ser um líder naquele dado grupo/coletivo)
- Organização (Manter em ordem tudo relativo à oficina/atividade)
- Pontualidade (Respeitar o tempo: para começar, terminar e ir para outro momento)
- Planejamento (Planejar antes da oficina e após os encontros)
- Responsabilidade e comprometimento (Com todos do grupo e com as relações criadas)
- Proatividade (Estar disposto a fazer antes de ser solicitado, prever a demanda)
- Motivação para ajudar os outros (Se colocar nesse espaço de estar disposto)
- Capacidade de acolhimento (Criar espaços/momentos convidativos)
- Ser comunicativo (Saber como falar, solicitar e repreender de forma construtiva)

- Criatividade para manter os participantes engajados na oficina/atividade
- Flexibilidade com as pessoas e atividades (Estar aberto ao novo e ao diferente)
- Ética e sigilo (Manter o que é discutido apenas no grupo. Caso haja a necessidade de levar algo para fora da confiança do grupo, consultar os envolvidos antes)

Preparo do facilitador para a oficina

Uma etapa fundamental para qualquer ação é o planejamento. Depois, com tudo o que acontecer, conduzir uma avaliação para validar o que deu certo e adaptar/mudar o que apresentou falhas ou não foi eficiente.

Antes do encontro/ da oficina

1. Dedicar um tempo para estudar o conteúdo do encontro/da oficina daquela semana;
2. Dedicar um tempo para rever o que foi dito/percebido no último encontro;
3. Anotar falas para situações que precisam de intervenção e passaram despercebido;
4. Separar todo o material ou ferramentas necessárias para o encontro/oficina;
5. Pegar um caderno para notas e/ou outro meio de gravação do que for dito;
6. Fazer todo e qualquer informe necessário, com antecedência, e para todos;
7. No dia, organize o espaço previamente, para poder se dedicar ao acolhimento das pessoas na chegada.

Durante o encontro/ a oficina

1. Pedir licença para fazer as anotações e/ou outro meio de gravação do que for dito; (Informar que será para recapitular o que for dito para retomada da semana seguinte)
2. Estar atento a tudo que acontece durante a atividade/oficina;
3. Ser sensível às emoções e ideias do que pode ser significativo;
4. Mediar e abrir ao entendimento em divergências e eventuais conflitos;
5. Falar sempre de modo claro;
6. Sempre olhar para todos do grupo, evite focar em apenas um lado/algumas pessoas;
7. Procure ser objetivo no que fala;
8. Caso necessário, parafraseie o que disse e explique o que realmente queria dizer;
9. Incentive a participação de todos: todo mundo importa;
10. Explique os conceitos/conteúdos;

11. Explique a proposta de atividade daquele encontro;
12. Direcione a atividade;
13. Finalize a atividade (Faça um fechamento do que foi solicitado, do que foi dito e do que foi apresentado);
14. Por fim, organize o espaço para dar continuidade a organicidade escolar (cada espaço tem uma finalidade e deve estar à disposição de todos do corpo escolar).

Depois do encontro/ da oficina

1. Estar à disposição para sanar possíveis dúvidas ou questionamentos dos participantes;
2. Guardar toda a produção, se houver, daquele encontro, seja ela física ou digital;
3. Fazer uma autoavaliação se os objetivos daquele encontro foram alcançados;
4. Propor encaminhamentos se sentir que algo ficou pendente ou foi pouco abordado;
5. Anotar toda e qualquer proposta que surgir, a fim de compartilhar com o grupo depois.

CADERNO DO PARTICIPANTE

O participante é qualquer pessoa da comunidade escolar que desempenhará a função de participar, contribuir e realizar a atividade na oficina.

Função do participante

O participante é o indivíduo, seja ele alguém da equipe pedagógica, administrativa, familiar, estudantes ou de serviços, ou seja, participante da comunidade escolar, que participa como foco no processo de aprendizagem e ensino. Ele é o indivíduo, em sua singularidade, mas também o coletivo, em formato de grupos. A função dele é ser parte do grupo, sendo parte das diversas formas de interações, como protagonista, na maioria das vezes.

É função do participante se envolver na análise de sua própria realidade e na interação entre os membros com as situações abordadas. O participante é um indivíduo que busca seus interesses, se identificando com o grupo (ou não), assim toma consciência da sociedade e dos valores que norteiam suas escolhas, das diferenças e onde/como podem exercer sua máxima participação.

São nesses espaços que o participante reconhece o valor e pertinência da participação, como agente de mudança para a compreensão e redução de sua vulnerabilidade, e da sua contribuição para o todo social, através do empoderamento e de ações que o envolvam. Assim, o participante entende que suas ações nas atividades transcendem o âmbito de seus interesses, sejam individuais ou coletivos, e que podem ter como espaço a escola, através de mobilizações. Esse papel requer preparo, estudo, sensibilidade e habilidades (cognitivas e sociais) em saber receber e pedir suporte para que a colaboração aconteça.

O participante é um protagonista. Esse protagonismo reconhece potencialidades e valores que resultará no desenvolvimento integral e em melhorias para a coletividade. Outro ponto, o participante pode não ser capaz de identificar suas fortalezas e dificuldades, sendo necessário que estejam dispostos a ressignificar seus preceitos e “achismos”, entendo que a liberdade de expressão requer um senso crítico na consolidação dos seus posicionamentos.

O participante tem a função de contribuir para a realização da atividade proposta na oficina, sendo necessário participar de cada encontro, ou da grande maioria dos encontros. Deve compreender que cada encontro possui uma finalidade, e que deve haver um preparo para essa ação.

O participante deve procurar criar laços com grupo, e sempre que possível, oferecer ajuda, ou solicitá-la, durante os encontros, além de fazer um resumo semanal do que já foi abordado/discutido e considerou importante, ou teve dúvidas, e contribuir para a consolidação da oficina.

Perfil do participante

O participante é parte do grupo e da oficina, ou seja, alguém do corpo escolar ou da família. Quando houver convidados externos, sempre deve haver o direcionamento sobre recapitular os acordos estabelecidos pelo coletivo, além de uma breve apresentação para iniciar o acolhimento.

Além disso, ele precisa expressar não apenas o que é questionado, mas compreender os valores por trás dos discursos que temos, nossos modos de se comunicar, como as expectativas e as frustrações que temos dialogam entre si e com aquele dado grupo, podendo gerar conflitos.

A atuação do participante exige estratégias de interação e avaliação nas diversas etapas da oficina, tendo por princípio a colaboração construtiva, ou seja, parte de cada etapa e na construção do todo proposto.

Espera-se do participante as seguintes habilidades:

- Gestão de tempo (Saber organizar suas falas dentro do tempo nos encontros da oficina)
- Inteligência emocional (Saber lidar com as diferentes pessoas e grupos)
- Gestão de conflitos (Conseguir lidar com situações em que é contrariado)
- Habilidades socioemocionais (Lidar com as diferenças e sentimentos diversos)
- Empatia (Se colocar no lugar do outro, tentando compreender os *porquês* da situação)
- Assertividade (Ser direto, pontuar sem fazer ligações de conteúdo desnecessárias)
- Escuta ativa (Escutar o que é dito, sentido, seja isso enunciado claramente ou não)

- Protagonismo (Entender que ser um participante é ser um protagonista nas interações)
- Organização (Manter em ordem tudo relativo à sua participação na oficina/atividade)
- Pontualidade (Respeitar o tempo: para começar, terminar e ir para outro momento)
- Planejamento (Planejar para estar nos encontros)
- Responsabilidade e comprometimento (Com todos do grupo e com as relações criadas)
- Proatividade (Disposição para fazer antes de ser solicitado)
- Motivação para ajudar os outros (Se colocar nesse espaço de estar disposto)
- Capacidade de acolhimento (Criar espaços/momentos convidativos)
- Ser comunicativo (Saber como falar e expor o que realmente quis dizer)
- Flexibilidade com as pessoas e atividades (Estar aberto ao novo e ao diferente)
- Ética e sigilo (Manter o que é discutido apenas no grupo, criar o laço da confiança)

Preparo do participante para a oficina

Uma etapa fundamental para qualquer ação é o planejamento. Depois, com tudo o que acontecer, conduzir uma autoavaliação para validar o que atingiu as expectativas e adaptar/mudar o que apresentou falhas, não foi eficiente ou gerou frustrações.

Antes do encontro/ da oficina

1. Dedicar um tempo para estudar o conteúdo do encontro/da oficina daquela semana;
2. Dedicar um tempo para entender o que foi dito/percebido no último encontro;
3. Anotar dúvidas que passaram despercebidas para serem perguntadas;
4. Separar todo o material ou ferramentas necessárias para o encontro/oficina;
5. Pegar um caderno para notas ou outro meio de registro do que achar importante;
6. Se despir de todo “achismo” ou preconceitos existentes ao diferente;
7. No dia, organize seu tempo, para chegar com antecedência, e poder auxiliar, caso precisem.

Durante o encontro/ a oficina

1. Pedir licença para questionamentos e/ou outras colocações pertinentes;
2. Estar atento a tudo que acontece durante a atividade/oficina;
3. Ser sensível às emoções e ideias dos outros e que pode ser significativo;
4. Se colocar na postura de aprendizado com divergências e eventuais conflitos;

5. Falar sempre de modo claro;
6. Sempre olhar para todos do grupo, evite focar em apenas um lado/algumas pessoas;
7. Procure ser objetivo no que fala;
8. Caso necessário, parafraseie o que disse e explique o que realmente queria dizer;
9. Respeite a participação de todos: todo mundo importa;
10. Escute com atenção os conceitos/conteúdos apresentados;
11. Escute a proposta de atividade daquele encontro apresentado;
12. Realize a atividade;
13. Esteja a disposto(a) a ser parte do grupo, da atividade, da oficina;
14. Por fim, auxilie na organização do espaço para dar continuidade a organicidade escolar (cada espaço tem uma finalidade e deve estar à disposição de todos do corpo escolar)

Depois do encontro/ da oficina

1. Fazer uma autoavaliação se os objetivos daquele encontro foram alcançados;
2. Anotar as dúvidas, se sentir que algo ficou pendente ou foi pouco abordado;
3. Anotar toda e qualquer proposta que surgir, a fim de compartilhar com o grupo depois.

OFICINA

A proposta é promover uma oficina teórica e prática, dividida em trilhas formativas desenvolvida em encontros presenciais. Esse percurso de formação é ofertado a comunidade escolar e a família, que poderão adquirir conhecimentos teóricos e práticos sobre as violências e aprimorar as habilidades e as competências de forma inovadora e criativa para se tornarem bons mediadores em situações de conflitos escolares.

Os membros da comunidade escolar terão a oportunidade de percorrer os espaços de formação, passando pelos conhecimentos teóricos (os aspectos conceituais e legais sobre as violências) até os aspectos práticos (farão estudos de casos, explanaram sobre seus sentimentos em situações desencadeadora e aprenderão a romper com os ciclos da violência). Os encontros serão dirigidos pelo(s) facilitador(es), direcionado às pessoas da comunidade escolar e local para que possam atuar como multiplicadores dos assuntos relativos à desnaturalização das violências e mediação de conflitos na escola a que pertencem.

Descrição da oficina

Quando pensamos no trabalho para desnaturalizar as violências é necessário um olhar mais cuidadoso, pois muitas vezes é necessário compreender a comunicação para além da oralidade (fala), mas compreender murmúrios, sons, negativas, reações e qualquer outra ação que possa dar o “indicativo de resposta” ao que é proposto.

Assim pensamos, em alguns passos, como também proposta de atividades para essa oficina.

Objetivos

Essa oficina tem como objetivo geral propor estratégias de intervenção para desnaturalizar as violências nas relações entre a comunidade escolar. Quanto aos objetivos específicos, temos:

- Fortalecer a participação da família nos espaços escolares;
- Formar sobre o que é a violência, seus ciclos e modos de desnaturalizá-los;
- Estimular a troca de experiência entre os membros da comunidade escolar;

- Conhecer as ações que podem ser realizadas com foco na melhoria das relações na escola;
- Estudar sobre competências socioemocionais; e
- Identificar os problemas da escola e encontrar alternativas que possam gerar soluções.

Metodologia

A oficina será organizada em encontros presenciais com ofertas de conhecimentos teóricos e práticos sobre as violências e as relações sociais no espaço escolar, apresentada de forma participativa, colaborativa e crítico-reflexiva. A aprendizagem acontece num espaço de ação e reflexão, articulando o cotidiano, o conhecimento social e o conhecimento científico/acadêmico, possibilitando contextualizar a realidade.

Competências a serem desenvolvidas

As competências podem ser entendidas como sendo o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (CHA) necessárias ao desempenho de determinadas funções, visando o alcance dos objetivos estabelecidos. Segundo a BNCC (2016), e adaptando a proposta da oficina temos:

Tabela: Competências a serem desenvolvidas na Educação Básica

CONHECIMENTO	Valorizar e utilizar os conhecimentos físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
CRIATIVIDADE	Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria da reflexão, da análise crítica, e da imaginação, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções.
CULTURA DIGITAL	Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais.

Recursos necessários

Os recursos são componentes do ambiente da aprendizagem (GAGNÉ, 1975) que fomentam à estimulação para o ensino e a aprendizagem. Quando são usados com potencialidade, colaboram para motivar e despertar o interesse dos participantes desenvolvendo a experiência concreta.

É importante reforçar que não é necessário procurar recursos novos e complexos; mas é inegável a importância de entender (e se possível dominar) a usabilidade das ferramentas propostas. Se for incrementar as atividades nos encontros, garanta que o facilitador saiba como conduzir o que é proposto.

Recursos Humanos

Para a implementação da oficina, a Escola poderá fazer parcerias com *profissionais* aptos a desenvolver o trabalho com a comunidade escolar.

- 1 facilitador (no mínimo)
- Monitores (caso precisem)
- Comunidade escolar

Recursos Materiais

- Canetas
- Folhas ou bloco para anotações
- Caixa de som
- Lista de presença

Recursos Digitais

Os equipamentos eletrônicos a serem disponibilizados pela escola não podem integrar as despesas com a oficina.

- *Wi-fi* (rede para internet)
- Notebooks
- Celulares

Recursos Financeiros

– O PDDE Educação e Família é a ação que possibilita o repasse de recursos financeiros a escolas selecionadas para viabilizar a execução do Plano de Ação da escola, incluindo essa proposta de oficina.

Os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família são de custeio e poderão ser utilizados apenas na contratação de serviços e compra de material de consumo para a realização desta oficina.



GASTOS COM CUSTEIO

As despesas com custeio são aquelas que correspondem aos gastos para manutenção dos serviços ou na aquisição de um bem de capital que não ficará como patrimônio, por exemplo, materiais para as oficinas.

GASTOS COM CAPITAL

As despesas com capital são aquelas que correspondem aos gastos para a produção ou geração de novos bens, ou serviços que ficarão como patrimônio, por exemplo, móveis/eletrônicos para a escola.

RECURSOS FINANCEIROS

O PDDE Educação e Família é a ação que possibilita o repasse de recursos financeiros a escolas selecionadas pelo Programa Educação e Família para viabilizar a execução do Plano de Ação da escola.

Os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família são de custeio e poderão ser utilizados na contratação de serviços e compra de material de consumo para a realização desta ação.

Os profissionais de educação integrantes da rede de ensino não podem integrar as despesas com a Visita Guiada.

Então, o que pode ou não pode comprar com os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família que são de CUSTEIO?

PODE ✓	NÃO PODE ✗
Materiais para a oficina	Eletrônicos para a escola
Folhas, cadernos, canetas etc. para realização da oficina	Computadores para a escola
Impressão (específica) de material para a oficina	Impressoras para a escola
Itens para cada um dos participantes para usar na oficina	Prêmios ou presentes
Contratação de palestrantes	Gastos com pessoal (salário, férias, 13º, diárias e passagens)
Itens para compor o espaço necessário para a oficina	Reformas ou ampliação de áreas construídas

Para saber mais, acesse o Guia de Execução dos Recursos do PDDE, acessando o [link](https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pdde/media-pdde/GUIADEEXECUODOSRECURSOSDOPDDEV4FINAL.pdf):
<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pdde/media-pdde/GUIADEEXECUODOSRECURSOSDOPDDEV4FINAL.pdf>

De acordo com orientação do FNDE, **é permitida a contratação de pessoa física para o desenvolvimento de atividades** previstas no Plano de Ação da escola. Nesse caso, pode ser aceito recibo como documento probatório da despesa, desde que nele constem, no mínimo, as especificações dos serviços, o nome, CPF, RG, endereço, telefone e a assinatura do prestador.

Vale ressaltar que **não é permitida a contratação de profissional da escola** para o desenvolvimento das atividades previstas no Plano de Ação da escola.

De acordo com a Resolução FNDE nº 15, de 16 de setembro de 2021, é vedada a aplicação dos recursos do PDDE e Ações Integradas em:

- I – implementação de outras ações que estejam sendo objeto de financiamento por outros programas executados pelo FNDE, exceto aquelas executadas sob a égide das normas do PDDE e Ações Integradas (Exemplo: Livros didáticos já distribuídos pelo PNLD);
- II – gastos com pessoal (Ex: contador; secretária);
- III – pagamento, a qualquer título, a:
 - a) agente público da ativa por serviços prestados, inclusive consultoria, assistência técnica ou assemelhados;
 - b) pagamento por serviços prestados por servidor público da ativa, ou empregado de empresa pública ou de sociedade de economia mista em empresas privadas que tenham servidor público em seu quadro societário,

mesmo que o serviço prestado se trate de consultoria, assistência técnica ou assemelhados;

c) despesas de manutenção predial, tais como aluguel, conta de telefone, água, luz e esgoto;

d) despesa de caráter assistencialista (Ex: uniforme, material escolar para o aluno).

IV – cobertura de despesas com tarifas bancárias não previstas em acordo entre o FNDE e o Banco do Brasil;

V – dispêndios com tributos federais, distritais, estaduais e municipais, quando não incidentes sobre os bens adquiridos ou produzidos ou sobre os serviços contratados para a consecução dos objetivos do PDDE e Ações Integradas;

VI – passagens e diárias;

VII – combustíveis e materiais para manutenção de veículos e transportes para atividades administrativas;

VIII – flores, festividades, comemorações, coquetéis, recepções, prêmios, presentes;

IX – reformas de grande porte e ampliação de áreas construídas.

Local

Uma sala ou outro espaço devidamente preparado para os encontros. Esse espaço deve ser minimamente equipado com os materiais solicitados para aquele dado encontro, caso seja necessário. Também, é importante pensar num espaço para as crianças menores que podem ir acompanhando os familiares, uma vez que pode ocorrer de não terem com quem deixar e ter que leva-los até o encontro. Pensar num espaço acolhedor, é literalmente **acolher a todos, sem exceções!**

Tempo

A oficina é desenvolvida em ciclo de três etapas. Na primeira etapa há a construção dos espaços de acolhimento; na segunda há os encontros semanais ou quinzenais, com atividades presenciais; e por fim, há a autoavaliação com encaminhamentos de ações permanentes para evitar as relações violentas no espaço escolar.

1. Identificar as violências;

2. (R) Estabelecer as relações sociais na escola;
3. Criar espaços de acolhimento;
4. Formar sobre o que são e os tipos de violências;
5. Desnaturalizar os ciclos de violência;
6. Fomentar ações para evitar as relações violentas na escola.

Divulgação

A divulgação é uma etapa fundamental para a efetividade da oficina. Afinal, para que a oficina ocorra é necessário a adesão da comunidade escolar. E como ter essa participação? O passo inicial é divulgar: levar a informação ao maior número de pessoas. Esse convite deve ser atrativo, instigar a curiosidade e despertar o desejo de fazer parte.

Assim, temos como (possíveis) propostas:

- Convite formal a ser enviado para a comunidade escolar.
- Chamar oralmente: pessoas convidam pessoas diretamente.
- Publicação nas redes sociais ou no site da unidade escolar (caso possua).
- Produção de cartaz e/ou banner, fixado na entrada da escola, pátio e/ou murais.

Impacto esperado

A oficina tem como foco o fortalecimento e estímulo da participação qualificada da família e da comunidade na escola. Como impacto esperado se tem:

- Aumento da interação das famílias e da comunidade nas ações da escola;
- Diminuição das situações de violência na escola;
- Construção de um espaço acolhedor, onde todos sintam vontade de estar; e
- Validação de relações socioemocionais mais saudáveis.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2016.
- GAGNÉ, R. *Como se realiza a aprendizagem*. Rio Janeiro: Cosmos, 1975.

ETAPAS DA OFICINA

A oficina é uma metodologia de trabalho que prevê a formação colaborativa, prevendo momentos de interação e troca de saberes, a partir da horizontalidade, na construção do que é proposto. Optamos por propor a construção dessa oficina em três etapas, pensando em passos importantes: a construção do espaço de acolhimento, usado para os encontros da oficina; os encontros que ocorrem semanal ou quinzenalmente; e a finalização com encaminhamentos para práticas de prevenção de violência na escola.

Primeira etapa

A primeira etapa é a construção do espaço de acolhimento, local também em que ocorrerá os encontros. Essa construção pode ser fixa ou móvel, pensando na usabilidade do espaço.

Posso deixar esse espaço fixo, sem gerar prejuízos para as outras atividades na escola?

Se sim, a construção pode ser fixa, o que poupa o trabalho antes dos encontros.

Se não, a construção deve ser móvel, sendo colocada antes e retirada após os encontros.

O espaço de acolhimento serve a propósitos específicos: acolher e dar a sensação de segurança. É um espaço de conforto, de reflexão, para resgatar os vínculos, reforçando o colaborativo, evitando o distanciamento entre o "eu", o "outro" e o "nós".

CONSTRUÇÃO: Pode ter foto de familiares, desenhos e/ou objetos que os participantes tenham algum apego. O principal é que seja um local, fisicamente, com espaço para rodas de conversas e atividades que necessitem andar/transitar; simbolicamente, seguro, onde as pessoas se sintam acolhidas e partes daquele todo.

Segunda etapa

A segunda etapa corresponde aos encontros, eles serão direcionados por um facilitador, que preferencialmente deve ser alguém da comunidade escolar. Essa etapa será melhor descrita ao longo desse manual.

Terceira etapa

A terceira etapa, e final, se baseia na divulgação. É sobre os encaminhamentos decorrentes do que foi estudado, refletido e abordado durante os encontros e será revertido em ações para a comunidade escolar. Como também, a divulgação na aba “Projetos da Escola”, no aplicativo **Clique Escola**, após realização da oficina; colocando todas as adaptações, rearranjos e alterações realizadas no decorrer dessa proposta que viabilizaram novos olhares e possibilidades.

Será necessária uma avaliação, para rever o que causou impactos positivos e o que não cumpriu o esperado, mas pode ser aproveitado (com adaptações) ou deve ser descartado. Para isso podemos usar os seguintes questionamentos:

De onde viemos?

Onde estivemos?

Para onde queremos ir?

Defina um tema, recapitule tudo o que ocorria antes, resgate tudo o que foi dito/trabalhado, e por fim estabeleça as mudanças visíveis (de imediato) e as em construção.

Por fim, pegar todas as considerações, que foram discutidas na oficina, transformá-las em propostas de ações para prevenção das violências, desnaturalização das situações de violência na escola (intervenção e mediação) e intensificação das relações com respeito as diferenças; pensando em normas de convivência para a comunidade escolar; além de reformulações do Projeto Político Pedagógico (PPP) desse novo viés da escola. Consolidando as vivências nessa oficina como algo que constitui o próprio todo escolar.

ENCONTROS DA OFICINA

Os encontros são os momentos de interação entre a comunidade escolar em que há a abordagem de uma determinada temática. O ideal é que aconteçam semanalmente ou, no máximo, quinzenalmente. Devem ser mediadas por um facilitador que, preferencialmente, deve ser um membro da comunidade escolar.

Primeiro encontro

O primeiro encontro é o momento de (re)conhecimento de si e dos outros. É a primeira interação do grupo, nesse espaço é que se deverá consolidar os primeiros vínculos e laços.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do primeiro encontro será a **criação de vínculos**. A criação de vínculos é o primeiro passo da educação socioemocional, sendo importante para fortalecer relações saudáveis, proporcionando elementos que ajudem nas aproximações e reconhecimentos de interesses comuns, a fim de mostrar que mesmo com diferenças, sempre haverá pontos similares em todo tipo de relacionamento.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para recepcionar as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas

	dobrado no saquinho para sorteio.
Participantes	Sortear um papel.
Sorteado	Fazer uma breve apresentação, no máximo 3 minutos para cada. Abordando: quem eu sou, quem eu queria ser, um sonho e uma frustração.
Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o quê hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: **criação de vínculos**.

Explicar o que é a criação de vínculos (ANEXO B) e a importância desse tema para trabalhar sobre violência no contexto escolar.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar Vocês acham que vamos falar sobre o quê?
Participantes	Levantar hipóteses sobre o que acham que é a temática.

Facilitador	Expor e explicar o tema.
--------------------	--------------------------

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre a criação de vínculos no trabalho de desnaturalização das violências no espaço escolar. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

- Como você se aproxima das pessoas?
- Como você faz suas amizades?
- Como são as relações com as pessoas no seu trabalho/ na escola?
- Como criar vínculos?
- Como não ter vínculos, com as pessoas e com a escola, pode gerar situações de violência?
- Como criar vínculos pode ajudar no respeito as diferenças?
- Como criar vínculos com quem é extremamente diferente de mim?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.**

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também mencionar como a criação de vínculos fortalece uma comunidade para entender que as diferenças são potencializadores e não podem, nem devem, ser usadas para distanciar as pessoas do espaço ou de determinado grupo. Que quando não fazemos esse processo de aproximação, as relações ficam frágeis e podem, através de conflitos não mediados, gerar situações de violência.

Momento 5

Esse é o momento da finalização do encontro. O facilitador deve agradecer aos presentes e ressaltar a importância da participação de todos nas etapas seguintes. Como também, devem ser destinados alguns minutos finais para socialização entre os participantes presentes (para poderem conversar e/ou se despedirem); assim como sanar possíveis dúvidas e/ou demandas que surgirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse primeiro encontro mostrar a importância de se criar vínculos entre os membros de um grupo.

Como objetivos específicos, temos:

- Evidenciar pontos em comum mesmo em pessoas diferentes; e
- Estreitar laços com pessoas de um mesmo grupo/coletivo.

Recursos

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)
- Membros da comunidade escolar

Recursos físicos

- 1 saco para o sorteio
- Folha impressa com as perguntas para o sorteio (ANEXO A)
- Folha impressa com o conteúdo (ANEXO B)

Avaliação

Após o término do encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades para discussão de pontos essenciais como: as percepções dos discursos durante as trocas na roda de conversa; os pontos favoráveis em relação ao ambiente, tempo e participação; ponto desfavoráveis que necessitam de melhorias que devem ser implantadas nos próximos encontros.

Segundo encontro

O segundo encontro é o momento de (re)conhecimento dos tipos e os sujeitos na violência. É a primeira atividade do grupo com algum foco de aprendizagem, para além do conhecer os participantes do seu grupo, nesse espaço é que se deverá consolidar as primeiras aprendizagens sobre a temática abordada.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do segundo encontro será o **conceito, os tipos e os sujeitos da violência**. Compreender o que são as violências e os agentes que fomentam e/ou inviabilizam as situações é fundamental para começar o processo de desnaturalização sobre situações de violência, através da identificação, e posteriormente começar a pensar em práticas para amenizar ou erradicar esses casos.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para recepcionar as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas sempre no começo do encontro, dando seguimento para a explanação teórica e, logo em seguida, das vivências.

Dinâmica: “Meu monstrinho do barulho”

Todo participante terá à disposição materiais (massinha de modelar) para a confecção do seu monstrinho. A ideia é produzir, exteriorizar e materializar o monstrinho da violência, ele deve representar um sentimento reprimido, seja ódio, raiva, rancor, desprezo, etc.

Após essa confecção, todo participante, terá um dado tempo, no máximo 2 minutos, para direcionar uma fala para seu monstrinho, com a finalidade de aliviar o que se sente. No fim da fala, deve amassar o monstrinho com a mão, com força.

Você representa minha/meu (expressar o sentimento). Você nasceu da seguinte fala/situação. Você não me representa, eu te elimino com a minha mão.

Todos devem estar na roda de conversa e poder escutar o que é dito. Caso alguém não se sinta confortável em oralizar, pode fazer esse desabafo mentalmente. O tempo desse participante deve ser respeitado com o restante do grupo aguardando passar o tempo em silêncio.

A ideia é exteriorizar o que sente/desencadeia o lado mais violento da pessoa e figurativamente, através do amassar, mostrar que cada um tem o controle do que se sente e te afeta.

Quando todos tiverem feito a dinâmica, o facilitador deve pedir para que nos últimos minutos as pessoas façam uma reflexão sobre quantas coisas foram ditas: o que me deixa violento? O que me violenta? O que me afeta? Como afeto as outras pessoas?

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Orientar Explicar como ocorrerá a dinâmica, os tempos e o que será solicitado.
Participantes	Produzir o seu “Monstrinho da raiva”.
Participantes	Fazer o que é pedido: falar e amassar seu monstrinho.
Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o que hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após, o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: **conceito, os tipos e os sujeitos da violência**.

Explicar o que é a violência, os tipos e os sujeitos (ANEXO C) e a importância de compreender esses temas para desnaturalizar as violências no contexto escolar.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar: Vocês acham que vamos falar sobre o quê?

Participantes	Levantar hipóteses sobre o que acham que é a temática.
Facilitador	Expor e explicar o tema.

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre o conceito, os tipos e os sujeitos no trabalho de desnaturalização das violências no espaço escolar. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

- Quais as situações de violência que mais presenciamos?
- Você é violento na escola/em casa?
- As pessoas são ou já foram violentas com você?
- Você costuma ser mais espectador, vítima ou agressor?
- Qual o tipo de violência mais praticada ou vivenciada por você?
- Em que contextos podemos ter situações violentas?
- Um conflito pode ser bom. Então, por que geralmente terminam em situações de violência?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.**

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também mencionar como a violência pode ser, e geralmente é, naturalizada. Com isso, as relações se tornam abusivas, mesmo que não haja essa percepção de imediato: apelidos ofensivos, agressões como forma de punir ou proibir,

xingamentos, julgar como incapaz e muito mais. Tudo isso, vai gerando um aglomerado de frustrações e sentimentos ruins no indivíduo e na sua percepção com o outro. Conseguir identificar o que nos afeta ou como afetamos os outros de forma violenta, mesmo que não de forma intencional, é um passo importante para desnaturalizar as violências nas relações, tanto familiares como na escola.

Momento 5

Esse é o momento da finalização do encontro. O facilitador deve agradecer aos presentes e ressaltar a importância da participação de todos nas etapas seguintes. Como também, devem ser destinados alguns minutos finais para socialização entre os participantes presentes (para poderem conversar e/ou se despedirem); assim como sanar possíveis dúvidas e/ou demandas que surgirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse segundo encontro conceitualizar e exemplificar o que é violência.

Como objetivos específicos, temos:

- Definir o que é violência;
- Estabelecer os sujeitos no ciclo da violência; e
- Exemplificar os tipos de violências.

Recursos

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)
- Membros da comunidade escolar

Recursos físicos

- Massinha de modelar

Avaliação

Após o término do encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades para discussão de pontos

essenciais como: as percepções dos discursos durante as trocas na roda de conversa; os pontos favoráveis em relação ao ambiente, tempo e participação; ponto desfavoráveis que necessitam de melhorias que devem ser implantadas nos próximos encontros.

Terceiro encontro

O terceiro encontro é o momento de estabelecer novas possibilidades para as relações que temos. É na constituição da cultura colaborativa que o grupo se fortifica como tal, e é pela escuta ativa que se fortalece os laços entre o “eu com o outro” e o “outro com nós”.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do terceiro encontro será a **escuta ativa e a cultura colaborativa**. A escuta ativa é um modo de tornar os diálogos mais eficientes, através do empenho em escutar e compreender o que o outro tem a dizer, para além do conteúdo da fala, mas ampliando para o corpo, o gesto, os tons, os olhares e tudo mais que comunique algo durante um diálogo. Complementarmente, quando escutamos ativamente, há a possibilidade de consolidar a cultura colaborativa que consiste na participação de todos, em todos os processos e partes, com suas ideias e sugestões.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para recepcionar as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas sempre no começo do encontro, dando seguimento para a explanação teórica e, logo em seguida, das vivências.

Dinâmica: “Quem conta um conto, aumenta um ponto”

A ideia é focar na importância de prestar atenção no que é dito pelo outro, e como essa escuta auxilia no trabalho de um grupo, ou seja, enfatizar o tema do dia. Os participantes devem ficar em fila, um atrás do outro. O participante da frente, deve virar e cochichar baixinho no ouvido, apenas uma vez, de quem está atrás dele, a continuação de um conto. Esse conto será construído em conjunto, com cada um acrescentando algumas palavras ao que escutou.

A dinâmica deve começar com:

Era uma vez... (O primeiro já acrescenta algo quando cochichar para quem está atrás)

Assim, sucessivamente, cada um deve prestar atenção ao que foi dito, já que não poderá ser repetido. No final, o último participante falará em voz alta a história criada (a partir da escuta e da construção conjunta).

Caso, a pessoa não entenda o que foi dito por quem estava na frente, deve tentar formular o mais perto possível do que acha que escutou.

Quando todos tiverem participado e a história criada ter sido oralizada, o facilitador deve pedir que nos últimos minutos as pessoas façam uma reflexão sobre a dinâmica: se

sempre escutamos com atenção o que os outros dizem, se temos a sensação de sermos escutados de verdade, o trabalho com todos é realmente possível?

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Orientar Explicar como ocorrerá a dinâmica, os tempos e o que será solicitado
Participantes	Escutar com atenção o que é falado, acrescentar algo a história e cochichar para o participante de trás.
Último Participante	Contar para todos o conto criado pelo grupo.
Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o que hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: **escuta ativa e a cultura colaborativa**.

Explicar o que é a escuta ativa e a cultura colaborativa (ANEXO D) e a importância desse tema para trabalhar sobre violência no contexto escolar.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar: Vocês acham que vamos falar sobre o quê?
Participantes	Levantaram hipóteses sobre o que acham que é a temática.
Facilitador	Expor e explicar o tema.

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre a escuta ativa e a cultura colaborativa no trabalho de desnaturalização das violências no espaço escolar. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

- Quais as situações de violência que mais presenciamos?
- Você é violento na escola/em casa?
- As pessoas são ou já foram violentas com você?
- Você costuma ser mais espectador, vítima ou agressor?
- Qual o tipo de violência mais praticada ou vivenciado por você?
- Em que contextos podemos ter situações violentas?
- Um conflito pode ser bom. Então, por que geralmente terminam em situações de violência?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve**

haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também mencionar como a escuta ativa não é uma ferramenta fácil, nem inerente (já se nasce sabendo) as pessoas. É algo que precisa ser trabalhado e treinado. A escuta ativa auxilia no trabalho com a violência porque pensando na criação de vínculos, é estar realmente atento ao que o outro diz e/ou solicita, vendo como as coisas o afetam, e como isso é comunicado: seja pela fala, pelo corpo, pelos olhares, pelo tom. A cultura colaborativa é pensar em como todos têm que ser parte de tudo, assim é pensar em como trazer as pessoas para o todo, saber lidar com as diferenças e respeitar o tempo de cada um; além de entender como a personalidade (individualidade e subjetividade) de cada pessoa pode, e deve, ser agregada para somar no que é proposto.

Momento 5

Esse é o momento da finalização do encontro. O facilitador deve agradecer aos presentes e ressaltar a importância da participação de todos nas etapas seguintes. Como também, devem ser destinados alguns minutos finais para socialização entre os participantes presentes (para poderem conversar e/ou se despedirem); assim como sanar possíveis dúvidas e/ou demandas que surgirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse terceiro encontro evidenciar práticas de escuta ativa e cultura colaborativa.

Como objetivos específicos, temos:

- Definir o que é escuta ativa e cultura colaborativa;
- Estabelecer práticas de escuta ativa; e
- Exemplificar abordagens de trabalho colaborativo.

Recursos

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)
- Membros da comunidade escolar

Avaliação

Após o término do encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades para discussão de pontos essenciais como: as percepções dos discursos durante as trocas na roda de conversa; os pontos favoráveis em relação ao ambiente, tempo e participação; ponto desfavoráveis que necessitam de melhorias que devem ser implantadas nos próximos encontros.

Quarto encontro

O quarto encontro é o momento que aborda a comunicação não-violenta (CNV). A CNV é um modo de se expressar para aprimorar os relacionamentos interpessoais e as necessidades (nossas e dos outros). Assim, conseguimos falar sem machucar e ouvir sem se ofender.

O grupo deve ter em sua constituição membros de todos os setores da unidade escolar, assim como um facilitador (ou mais) para cada grupo.

Quanto a constituição de subgrupos deve haver membros do corpo docente, da gestão, técnicos-administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes; ou seja, um representante de cada setor da unidade escolar.

Tema

O tema do quarto encontro será a **comunicação não-violenta**. A Comunicação não-violenta é uma abordagem de resolução de conflitos, por meio de diversas ferramentas, por meio da empatia. Fortifica habilidades de linguagem, comunicação e escuta que fortalece os laços mesmo em condições adversas.

Roteiro detalhado

Nesse espaço, teremos o detalhamento de cada momento na realização da oficina.

Momento 1

Deve-se ter um cuidado especial com a luminosidade/claridade do local para que “todos possam ver todos”; assim como a ambientação sonora, se houver música, opte por sons calmos, instrumentais, que possibilitem o relaxamento.

Organize também as cadeiras, caso haja, ou o posicionamento do facilitador para que o contato seja sempre o mais direto: olhar as pessoas, e as pessoas se olharem, é fundamental. Também é bom ter uma atenção para a ventilação do local.

Esse primeiro momento será frequente. É a recepção. Assim, ter uma mesa ou local para recepção dos participantes, que poderão assinar a lista de presença, com a participação do(s) facilitador(es) na entrada do local para recepcionar as pessoas.

Se houver um local para acolher as crianças, que acompanham as famílias, elas devem ser encaminhadas com o auxílio dos monitores ou pela pessoa responsável.

Momento 2

Esse é o momento da dinâmica. Optamos por sempre começar por essa ação para tornar a interação mais harmoniosa, pois permite que as relações sejam estabelecidas sempre no começo do encontro, dando seguimento para a explanação teórica e, logo em seguida, das vivências.

Dinâmica: “Fala e com *emoji* reaja”

Todo participante terá à disposição plaquinhas (que deverão ser confeccionada previamente, com palitos colados nos *emojis* disponibilizados para impressão no ANEXO E) com carinhas comumente usadas na comunicação digital, conhecida como *emojis*. A ideia é expressar como a comunicação pode ser violenta, expressa não apenas pelo que é dito, mas como é dito.

Após a disposição dos *emojis*, todo participante, terá uma determinada frase entregue a ele (ANEXO F), para que seja lida conforme o sentimento expresso pelo *emoji*. O participante irá ao centro da roda e lerá normalmente a frase. Após a primeira leitura, os outros participantes poderão levantar as plaquinhas indicando o sentimento que a pessoa deverá tentar expressar com a mesma frase (por exemplo, ler com raiva, com tristeza, com carinho, etc.). Quem está no centro, deve indicar com o dedo indicador, qual plaquinha irá representar, devendo escolher dois sentimentos diferentes.

Caso alguém não se sinta confortável em fazer a atividade, deverá pelo menos ler a frase para o grupo como normalmente faria. A ideia é mostrar que nos comunicamos com o modo de falar, com o corpo, com as expressões, e não apenas com as palavras.

Quando todos tiverem feito a dinâmica, o facilitador deve pedir para que nos últimos minutos as pessoas façam uma reflexão sobre quantas coisas foram ditas: já me senti ofendida(o) com o modo que alguém falou comigo? Já ofendi alguém sutilmente (usando, por exemplo, a ironia)? Quais palavras me afetam? Quais palavras me engrandecem?

Quem?	O que?
(Facilitador)	Orientar Explicar como ocorrerá a dinâmica, os tempos e o que será solicitado
Participante com a frase	Pegar a frase. Ir ao centro da roda e ler normalmente, após, escolher duas plaquinhas e ler expressando aqueles sentimentos.
Participantes com as plaquinhas	Levantar a plaquinha com o sentimento escolhido para desafiar o outro participante.
Facilitador	Após todos terem participado, fazer uma breve síntese.

Momento 3

Essa etapa consiste na apresentação do conteúdo.

Após a dinâmica, começar indagando se imaginam qual a temática será abordada no dia.

– *Depois da dinâmica, vocês acham que vamos falar sobre o que hoje?*

Deixar um espaço para o levantamento das hipóteses.

Se houver dificuldade de participação, ficar indagando aos participantes (Fulano, o que você acha? Ciclano, e você?)

Após, o levantamento das hipóteses, deixar claro o tema do dia: **comunicação não-violenta**.

Explicar o que é a comunicação não-violenta (ANEXO G) e a importância desse tema para trabalhar sobre violência no contexto escolar.

Quem?	O quê?
(Facilitador)	Após dinâmica, perguntar Vocês acham que vamos falar sobre o quê?
Participantes	Levantaram hipóteses sobre o que acham que é a temática.
Facilitador	Expor e explicar o tema.

Momento 4

Após a exposição do tema do dia, é o momento de **abrir a roda de conversa**. Será nesse espaço que ocorrerão as discussões, ponderações e dúvidas sobre a comunicação não-violenta no trabalho de desnaturalização das violências no espaço escolar. O foco é a partir das vivências pessoais, relações familiares e as relações entre pares no contexto escolar explorar o tema do dia.

Para isso, algumas questões podem incentivar o começo do debate e/ou instigar a participação (se houver pausas longas, sem participação).

- Como se comunicar de modo não-violento?
- Toda vez que me comunico de fato sou a(o) mais clara(o) possível?
- Consigo entender as aflições do outro?
- Como lido com negativas?
- Como lido com elogios?
- Como reajo quando sou proibido de fazer algo?
- Consigo entender as necessidades de outras pessoas?
- Consigo entender os pedidos de outras pessoas?
- Consigo manifestar o que me irrita/desagrada?

Durante as colocações dos participantes, o facilitador pode ir fazendo anotações do que julgar importante e/ou o que precisa ser “redirecionado” (falas que podem gerar conflitos ou discursos problemáticos) para compor o fechamento da roda de conversa.

Também é importante caso haja algum embate, fazer as mediações entre os participantes com posicionamentos discrepantes/opositores. **Lembrando que não deve haver julgamentos nem condenações pelo que for dito; se for algo polêmico: mediar para a pessoa refletir sobre o próprio posicionamento/fala.**

Por fim, fazer o fechamento, relacionando o que foi dito, as experiências relatadas com o tema do dia; como também explicar que a comunicação não-violenta surge como uma ferramenta para explicar suas necessidades e limites, sem ser ofensivo, mas também aprender a escutar sem que aquilo lhe cause incômodos, afinal, as relações sempre serão compostas por afirmações e negativas, saber lidar com elas é fundamental para criar relações saudáveis; assim como saber se posicionar nos conflitos, sem oprimir ou coibir o outro.

Momento 5

Esse é o momento da finalização da oficina. O facilitador deve agradecer aos presentes pela participação no desenvolvimento dessa proposta. Como também, devem ser destinados um tempo final (aberto a quem se interessar) para falas, considerações e sugestões dos participantes sobre a oficina, a temática e as deliberações que surgiram do processo formativo pelos encontros. Assim, é possível anotar até os próximos passos para a unidade escolar, a ser tratado para produção de um documento final, após a reunião com todos os facilitadores. Como também, um tempo para socialização entre os participantes presentes para poderem conversar e/ou se despedirem.

Objetivos

Temos como objetivo geral nesse último encontro estreitar as relações pela melhoria na comunicação.

Como objetivos específicos, temos:

- Definir o que é comunicação não-violenta;
- Estabelecer meios múltiplos de comunicação; e
- Aprender aparatos mínimos para mediação (Observação, sentimento, necessidade e pedido).

Recursos humanos

- 1 Facilitador (ou mais)

– Membros da comunidade escolar

Recursos físicos

- Folha impressa com impressão dos *emojis* para plaquinhas
- Palitos
- Cola ou fita adesiva

Avaliação

Após o término do último encontro, será programada uma reunião com os facilitadores envolvidos na preparação e mediação na realização das atividades na oficina para discussão de pontos favoráveis e desfavoráveis no decorrer dessa proposta: o que foi alcançado e o que ficou com lacunas. Após esse levantamento, construir um documento com tudo que foi validado e o que ainda necessita ser articulado. Com esses pontos, considerar agregar essas informações na próxima reformulação do Projeto Político Pedagógico, para validar tudo que foi um impacto positivo e o que ainda necessita de maiores intervenções, como algo a ser trabalhado, o desafio da escola.

Com os membros da comunidade, fazer assembleias e definir o que foi tirado de proveitoso que pode ser consolidado como normas para a escola, tanto de deveres como direitos, pensando no espaço como democrático. E levantar pontos que acreditam que podem ter novas abordagens para serem sanados porque ainda são uma demanda emergente na escola.

Continuidade

Poderá haver mais encontros, considerando convidar especialistas na área, como psicólogos, assistentes sociais, pesquisadores da área, professores, articuladores sociais que tenham projetos na temática, entre outros.

Além disso, as rodas de conversas e os encontros podem, e deveriam, ser continuadas durante todo o período letivo; a fim de trazer novas abordagens, aprofundar os conceitos e poder compartilhar as vivências e as demandas que forem surgindo, possibilitando intervenções contínuas.

MATERIAL DE APOIO

Para entender um pouco mais, sobre as temáticas: violência, relações sociais e comunicação não-violenta; recomendamos os seguintes materiais de apoio

Livros



MORITO, J. V. Ruptura do processo comunicativo e a configuração de uma força de linguagem que silencia: violência verbal. *In*: M. C. (Org.) *Violências no cotidiano social e escolar: desnaturalizando com a arte*. São Carlos: SEaD-UFSCar, 2022. p. 79-98. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.



MORITO, J. V.; LUIZ, M. C. Violências sociais e escolares: o desafio das relações cotidianas. *In*: M. C. (Org.) *Mentoria de diretores escolares: formação e contextos educacionais no Brasil*. São Carlos: SEaD-UFSCar, 2021. p. 333-358. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.



MORITO, J. V.; ZAGO, A. G. Violências escolares e sociais: o desafio das relações cotidianas. *In*: M. C. (Org.) *Mentoria de diretores de escola: orientações práticas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 01 de jan. de 2023.



ROSENBERG, M. B. *Comunicação não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Editora Agora, 2021.

Vídeos

GEPESC. Violências sociais e escolares: o desafio das relações cotidianas (Parte I). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=FBYoxbw2loY&ab_channel=GEPESC

GEPESC. Violências sociais e escolares: o desafio das relações cotidianas (Parte II). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=DgPhSgQGtF4&ab_channel=GEPESC

GEPESC. Comunicação e as relações interpessoais (Parte I). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=MZl_NrRK1gk&ab_channel=GEPESC

GEPESC. Comunicação e as relações interpessoais (Parte II). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=qSkDmwvNUkI&ab_channel=GEPESC

Curso



GEPESC. Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. *Desafios da comunicação nas relações do cotidiano: família e escola*. Brasília: SEB/MEC, 2023. Disponível em: <https://avamec.mec.gov.br/>

ANEXOS

Nesse espaço teremos os materiais (escritos ou visuais) necessários para a oficina.

ANEXO A: Dinâmica sobre criação de vínculos

<p><i>Para isso, eu sempre diria sim:</i> (O que você gosta ou acredita)</p> <p><i>Esse outro, é sempre um não:</i> (O que você não gosta ou discorda)</p>	<p><i>Para isso, eu sempre diria sim:</i> (O que você gosta ou acredita)</p> <p><i>Esse outro, é sempre um não:</i> (O que você não gosta ou discorda)</p>
<p><i>Para isso, eu sempre diria sim:</i> (O que você gosta ou acredita)</p> <p><i>Esse outro, é sempre um não:</i> (O que você não gosta ou discorda)</p>	<p><i>Para isso, eu sempre diria sim:</i> (O que você gosta ou acredita)</p> <p><i>Esse outro, é sempre um não:</i> (O que você não gosta ou discorda)</p>

ANEXO B: Criação de vínculos

Um vínculo é uma união, relação ou ligação de algo com outro ponto, sejam pessoas, grupos, objetos ou qualquer outra coisa, ou seja, pessoas ou grupos vinculados estão unidos, encadeados ou atados, seja física ou simbolicamente.

A criação de vínculos é a construção de relações saudáveis que auxiliam a identificar quem somos e do que gostamos, isso ajuda na gestão das próprias emoções e dos pensamentos.

Os vínculos, também, oferecem uma rede de apoio para as pessoas, visto que auxiliam no desenvolvimento de habilidades socioemocionais como a empatia, a calma e a resiliência.

A criação de vínculos pode ser criada de diversos modos, seja por proximidade de ideias, por gostos em comum, ideologias iguais, enfim, muitas possibilidades. Eles podem ser criados de diversas formas: durante a primeira infância, alguns exemplos são o cuidado, uma boa conversa e gestos de carinho.

A partir disso, as relações auxiliam no entendimento das próprias emoções e o respeito as diferenças das pessoas que a cercam, além de aprender a se expressar de forma saudável. Os vínculos são criados, e reforçados, por meio do diálogo e das relações.

No trabalho de desnaturalização das violências, a criação de vínculos é uma ferramenta tanto para a prevenção quanto para a mediação. No primeiro caso, quando conseguimos nos relacionar com as pessoas, vivenciamos com as diferenças, aprendemos a lidar com o novo e ter uma base de apoio para quando enfrentamos desafios que nos tiram da zona de conforto ou causam algum impacto (seja ele favorável ou não). No segundo caso, os vínculos, geralmente abalados, passam a ser reconfigurados, com isso as pessoas se aproximam, compreendem o outro e a relação com o “eu”, e com isso reconfiguram os ciclos de convivências.

Criar vínculos nos fortificam. Criar vínculos nos dá uma base de apoio para enfrentar desafios ou situações desagradáveis.

ANEXO C: O que é, os tipos e os sujeitos da violência

Violência é o uso intencional da imposição (que proíbe, condena, define ou subjuga) contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resultem em algum dano; ou seja, a violência se estabelece quando não há mais a comunicação, as pessoas “se estranham” e se distanciam; nesse estranhamento começa as ofensas, xingamentos, agressões e afins.

Conflitos são os desentendimentos que gera alguma falta de estabilidade, pode ser usada para criar potencialidades de olhares, visões e pensamentos, se for mediado. Se não houver uma mediação, esse desequilíbrio pode se intensificar e isso gerar atos de violência (as pessoas não se sentem confortáveis, seja pela diferença, ou pela tentativa de impor um padrão e isso acaba gerando alguma situação em que há o uso da violência).

Se já definimos violência, temos os tipos de violência (que é para agredir o outro ou o próprio eu), ou seja, como se divide:

Violência verbal: É o uso da palavra, escrito ou oral (falado) para machucar.

Violência física: É o uso da força para agredir fisicamente, ou seja, o corpo.

Violência psicológica: É o uso da manipulação para ferir o subjetivo (psicológico).

Violência simbólica: É a imposição de padrões e o desmerecimento do que não se enquadra.

Essas violências são usadas ou sentidas pelos sujeitos. Nessa relação temos, o espectador, a vítima e o agressor (EVA):

Espectador: É quem presencia/vê a violência, fomentando (por lenha na fogueira) ou silenciando (negando ou ficando indiferente) a situação.

Vítima: É quem sofre a violência, que recebe a agressão, ou seja, quem sofre, é machucado.

Agressor: É quem fere, usando a violência como resposta ao que julga estar errado ou por não satisfazer o que ele(a) esperava.

A violência escolar é a relação desses sujeitos, onde não há mais o diálogo, seja pela existência de conflitos não mediados, ou pelo estranhamento das diferenças. Essa situação interfere diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Seja pelos embates que acontecem e atrapalham a rotina, seja pelo abandono que pode causar nas pessoas que não querem mais vivenciar aquilo ou por não conseguirem focar por não se sentirem seguros.

ANEXO D: Escuta ativa e a cultura colaborativa

A escuta ativa é uma ferramenta para tornar os diálogos mais eficientes, pela dedicação para escutar e compreender o que o outro tem a dizer, permitindo interpretar e analisar o que o outro está dizendo, não apenas pela fala, mas pelo corpo, os gestos, os tons, os movimentos, enfim, como a pessoa fala com tudo e como isso ajuda a identificar informações nem sempre faladas. Quem está escutando, não só recebe as informações, mas estabelece uma relação com eles.

A cultura colaborativa é uma prática para produzir em colaboração com outras pessoas; desenvolvido com a contribuição de todos em todas as etapas. Quando falamos em cultura colaborativa, estamos falando em trabalhar em grupo com a participação de todos com suas ideias e sugestões. Nessa cultura todos têm voz e espaço para contribuir. Essa proposta tende a manter o engajamento das pessoas e garantir que todos tenham espaço para crescer juntos.

Tanto a escuta ativa quanto a cultura colaborativa são importantes para trabalhar com as desnaturalizações das violências. Uma vez que precisa ser um trabalho do grupo todo, em que todos façam parte de todo o processo, para se sentirem representados. Nessa representação se cria uma escola que esteja alinhada aos interesses de toda a comunidade escolar. A escuta ativa auxilia na criação de vínculos, e, no amparo as demandas que surgem.

Por fim, devem ser pensadas e trabalhadas, pois não são habilidades naturais, mas que devem ser aprofundadas. Assim, podem auxiliar no fortalecimento das relações e serem potencialidades nas desnaturalizações das violências.

ANEXO E: Dinâmica sobre comunicação não-violenta

Abaixo temos os emojis, representando emoções para impressão e confecção das plaquinhas.





INDIFERENTE



ENVERGONHADO



TRISTE



CONVENCIDO



OFENSIVO



ACOLHEDOR

ANEXO F: Comunicação não-violenta

A comunicação não-violenta é uma habilidade que qualquer pessoa pode aprender, além de poder ser usada em qualquer momento da vida. Foi criada por Marshall Rosenberg (1934-2015) que é um psicólogo norte-americano. A ideia da comunicação não-violenta é a transformação de realidades violentas criando uma relação não-violenta.

A Comunicação não-violenta (CNV) representa habilidades verbais – sejam elas escritas ou oral – e não-verbais – como o corpo fala, os gestos traduzem, e as expressões faciais ou corporais enunciam para fortalecer as conexões humanas.

Quando usamos a CNV reformulamos nosso ato de falar e ouvir, ao invés de simplesmente dar respostas automáticas, damos atenção aos pedidos e as necessidades que o outro nos direciona. Dessa forma, se consegue expressar de modo claro, empático e respeitoso; pois se enxerga também pela perspectiva do outro.

A CNV tem quatro processos:

Observação: É o ouvir. Representa o contexto em que a situação está acontecendo, separando o que realmente aconteceu da avaliação pessoal do fato/da situação.

Sentimento: É o indagar. Representa a consciência da emoção que é transmitida no momento, trocando o “eu acho” por “com isso, eu me sinto”.

Necessidade: É o compreender. Representa o que é necessário para aquela pessoa, está interligado ao sentimento; além disso, expressar suas necessidades aumentam as chances de elas serem atendidas/compreendidas.

Pedido: É o argumentar. Representa o que é esperado, isso deve ser informado de forma clara e consciente. É garantir que a mensagem enviada é a mesma recebida. O pedido deve ser baseado na empatia.

No trabalho com a desnaturalização das violências, a CNV trabalha a comunicação (como ela ser efetiva e não para agredir) e com isso fortificar os vínculos. Assim, prioriza a resolução de conflitos por meio de diversas práticas que estimulam a empatia; pois permite compreender os motivos por trás de determinadas atitudes.

A comunicação não-violenta ajuda a identificar o sentimento e a necessidade que não foram atendidos em uma determinada situação.

ANEXO G: Passos para a comunicação não-violenta

Passos para a estabelecer a comunicação não-violenta no seu dia a dia.

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

4 PASSOS PARA A VIDA

1. OBSERVAÇÃO

Observe o que realmente aconteceu, separando sua avaliação pessoal.

2. SENTIMENTOS

Tenha consciência do sentimento envolvido, analise como você se sente.

3. NECESSIDADES

Consiga expressar o que é necessário para você.

4. PEDIDO

Diga claramente o que é esperado do outro ou da situação.

ANEXO H: Trilha formativa dessa oficina

A trilha formativa dessa oficina perpassa por (1) estabelecer vínculos; (2) identificar e reconhecer as violências, os tipos e os sujeitos; (3) entender a escuta ativa e como criar uma cultura colaborativa; e por fim usar técnicas como a (4) comunicação não-violenta para mediar situações já existentes e prevenir futuros casos de violência.

As atividades pensam no trabalho com os sentidos do ouvir, tatear e enxergar. Como também, utiliza de incentivos do sentir para abordar como os relacionamentos se configuram nas relações, fortificando ou abalando-os.



TRILHA FORMATIVA

PROPOSTA NA OFICINA



1

CRIAÇÃO DE VÍNCULOS

Criar vínculos, nos ensina sobre empatia, acolhimento e pertencimento. Assim, conseguimos estabelecer que as relações devem ser cuidadas quando pensamos em desnaturalizar as violências.

2

VIOLÊNCIA

Abordar o conceito, os tipos e os sujeitos da violência ajuda a mapear, as próprias ações, e como essas relações abusivas são naturalizadas em todos os espaços, tanto no escolar quanto no familiar.



3

ESCUTA ATIVA E A CULTURA COLABORATIVA

Saber ouvir é importante para criar vínculos, como também auxilia na construção da cultura colaborativa, já que é preciso a participação de todos no processo (para querer ser parte as pessoas precisam se sentir escutadas, respeitadas e com espaço para falarem



Trabalhar com a desnaturalização da violência, é trabalhar com vínculos, com escuta, com empatia e respeito.

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

É saber falar sem agredir e escutar sem se ofender. Assim, se cria espaços para expor claramente o que é preciso, pedir o que deseja, expondo as necessidades pela observação do que aconteceu de verdade. Esse processo ajuda a resolver conflitos.

LEMBRE SEMPRE!

A violência é a última resposta quando algo aflige!
Converse. Pergunte. Exponha. Peça. Argumente. Medie.

ANEXO I: Organização dos encontros

Para auxiliar na organização dos encontros, segue abaixo, uma sugestão de gestão de tempo, direcionando uma possibilidade de construção para cada dia/encontro.

IMPORTANTE

- Um encontro deve durar no máximo 2 horas.
- Todos devem ter o mesmo tempo para se expressarem, isso deve ser definido antes do começo da dinâmica.
- Não deve haver julgamentos, mas mediações (caso necessário).
- Definir as regras de participação no começo do dia, como, por exemplo, “*para falar levantar a mão, e será seguido a ordem de levantamento para ordenação de quem fala primeiro*”.

PESSOA	TEMPO	AÇÃO
Facilitador	Antes do encontro	Organizar o espaço
Facilitador	Começo do encontro	Receber as pessoas/acolhimento
Facilitador	Antes da dinâmica	Explicar o que será feito
Participantes	3 minutos (no máximo)	Realizar o que é pedido na dinâmica
Facilitador	Após a dinâmica (2 minutos)	Instigar com perguntas reflexivas
Facilitador	2 minutos	Indagar sobre e explicar o tema
Participantes	20 minutos	Falar as hipóteses que tem/acreditam
Facilitador	15 minutos	Explanar e explicar o tema do encontro
Facilitador	Após a explanação (2 minutos)	Abrir a roda de conversa com perguntas para instigar
Participantes	60 minutos	Participar com suas vivências no que é perguntado
Facilitador	Durante a roda de conversa	Fazer mediações durante as colocações das pessoas
Facilitador	Após a roda de conversa	Fazer um fechamento de tudo que foi dito
Facilitador	No fim do encontro	Finalizar o encontro
Participantes	No fim (5 minutos)	Se despedirem ou um espaço-tempo para perguntarem

ANEXO J: Avaliação dos facilitadores

Essa é uma proposta de avaliação para ser utilizada pelos facilitadores. Também serve para sintetização do que ocorreu nos encontros, pontos a serem reforçados e/ou retomados.

Antes do encontro		
Escolha uma opção (Se sim, continue) (Se não, mude)		Perguntas
Sim	Não	Consegui organizar o espaço?
Sim	Não	Consegui fazer o acolhimento com os participantes?
Durante o encontro		
Sim	Não	Expliquei a dinâmica?
Sim	Não	Consegui conduzir a dinâmica?
Sim	Não	Consegui tirar as dúvidas?
Sim	Não	Consegui fazer mediações quando foi necessário?
Sim	Não	Expliquei o tema/conteúdo do encontro?
Sim	Não	Conduzi a roda de conversa de modo satisfatório?
Sim	Não	Fiz julgamentos pessoais?
Sim	Não	Conduzi um fechamento para a temática?
Sim	Não	Ficou alguma pendência para o próximo encontro?
Sim	Não	Finalizei o encontro?
Sim	Não	Lembrei de convidar todos para o próximo encontro?
Após o encontro		
Sim	Não	Anotei assuntos que quero retomar?
Sim	Não	Consegui abordar o tema do dia/encontro com facilidade?
Sim	Não	Arrumei tudo o que preciso para o próximo encontro?

ANEXO K: Proposta para a Educação Infantil

Abaixo, segue uma sugestão de como adaptar a proposta de desnaturalização das violências para a Educação Infantil.

Como trabalhar com o sistema de identificação dos sujeitos dos ciclos da violência e as bases de acolhimento na Educação Infantil?



A Educação Infantil possui suas próprias especificidades. Quando pensamos no trabalho para desnaturalizar as violências é necessário um olhar mais cuidadoso, pois muitas vezes é necessário compreender a comunicação para além da oralidade (fala), mas compreender murmúrios, sons, negativas, reações e qualquer outra ação que possa dar o “indicativo de resposta” ao que é proposto.

Assim pensamos, em alguns passos, como propostas de atividades:

1. Formação do todo escolar sobre os sujeitos na composição de um ciclo de violência
2. Letramento emocional para as crianças
3. Escuta ativa: Incentivar a comunicação através da criação de vínculos para entender como a criança se comunica, se expressa, demonstra seus desejos e vontades.
4. Criação de um espaço de acolhimento.
5. Propostas de prevenção: Alteração em práticas rotineiras.

1. Formação sobre os sujeitos de um ciclo de violência

Primeiro, é necessário que **os profissionais da Educação na escola** (técnicos, professores, auxiliares, terceirizados, gestão, etc.) compreendam esse papel.

Saibam diferenciar os sujeitos, seja ele vítima, agressor e espectador e as consequências subjetivas e individuais desses protagonismos para cada pessoa envolvida na situação, direta ou indiretamente.

Enfatizar, na maioria das vezes, o papel de espectador apático que adotamos: deixar a situação ocorrer sem mediar, o que nos remete, ao espectador incentivador que fomenta ou até direciona a violência (nesse último caso, virando um agressor, mesmo que esse não cometa a agressão de fato). Como assim? É simples, falas como “bate mesmo, ele bate em todo mundo”, “vou fingir que nem vejo”, “eu não posso bater, mas vocês (crianças) podem” colocam o papel desse profissional para quem infringe contra a integridade da criança.

Seguidamente, um trabalho com **as crianças/estudantes**. Com um trabalho inicial para que compreendam o papel na situação de violência. Nessa perspectiva, o trabalho é muito mais direcionado as indagações:

Com o agressor

PARAFRASEAR: Reconte para a criança o que aconteceu.

QUESTIONAR: Alterando as posições na situação.

- O que você fez, está certo?
- O que você fez, está errado?
- Por quê?

DIRECIONAR: Explicar como a outra criança pode ter se sentido com aquilo.

Se houver apoio, conversar com a família, explicando esses mesmos direcionamentos.

Com a vítima

PARAFRASEAR: Reconte para a criança o que aconteceu.

QUESTIONAR: Alterando as posições na situação.

- Como você está?
- Como você se sentiu?

ACOLHER: Explicar que aquilo realmente não foi certo e validar o sentimento da criança: “eu sei que doeu”, “pode chorar, quando você estiver melhor vamos ao banheiro lavar o rostinho”. Se possível, que esse processo ocorra em um espaço de acolhimento. Deixar claro que ela sempre terá a quem recorrer, caso situações assim aconteçam.

Se houver apoio, conversar com a família, explicando esses mesmos direcionamentos.

Com os espectadores (outras crianças presentes)

RECONTAR: Explicar o que ocorreu, reforçando que não é correto se expressar desse modo: com violência.

ACOLHER: Deixar claro que eles sempre terão a quem recorrer, caso situações assim aconteçam.

Se houver apoio, conversar com a família, explicando esses mesmos direcionamentos.

2. Letramento emocional para as crianças

É de extrema importância que as crianças consigam se comunicar; mas também é primordial que elas consigam entender o que sentem em determinadas situações para conseguirem criar maneiras de lidar com aquilo. É preciso compreender a lidar com as dificuldades, os erros e as frustrações como resultado de um processo de aprendizagem.

Sem esse processo, inclusive, ousar dizer que renegamos a criança o direito de ser feliz! Visto que formaremos sujeitos suscetíveis a associar “estar bem”, “tratar o outro bem” condicionado às satisfações das próprias necessidades e desejos. Ao lidar com a bolha fora da escola, ou até mesmo da casa, essas crianças não terão a certeza de que isso sempre ocorrerá (atrevo novamente a afirmar que não!). Ensinar que o não, também é o caminho para ser feliz!

Um trabalho possível é uma lista de sentimentos: com todos os sentimentos possíveis e “figuras”, “carinhas”, “desenhos” que possam expressá-los. A fim de que a criança recorra a esse instrumento quando quiser se expressar. Também, seria importante a mediação! Mediar para que a criança entenda o que aquele sentimento é, como lidar com ele, o que podemos sentir com ele.

Sentimentos positivos	Sentimentos negativos
aceitação	aflição
admiração	agonia
adoração	amargura
afeto	angústia
alegria	ansiedade
alívio	antipatia
amor	apatia
animação	arrependimento
apego	carência
bom humor	choque
bondade	ciúme
calma	confusão
carinho	constrangimento
carisma	covardia
compaixão	culpa
compreensão	decepção
comprometimento	depressão
confiança	derrota
conforto	desânimo

Sentimentos positivos

consideração
 coragem
 crença
 curiosidade
 desejo
 determinação
 dignidade
 disposição
 diversão
 emoção
 empatia
 empolgação
 encantamento
 entusiasmo
 equilíbrio
 esperança
 excitação
 fascínio
 felicidade
 força
 generosidade
 gentileza
 gratidão
 honra
 interesse
 inspiração
 liberdade
 motivação
 orgulho
 otimismo
 paciência
 paixão
 paz
 piedade
 poder
 prazer
 proteção
 realização
 relaxamento
 resiliência
 respeito
 responsabilidade

Sentimentos negativos

desapego
 desconforto
 desencanto
 desespero
 desgosto
 desilusão
 desinteresse
 dor
 dúvida
 egoísmo
 estresse
 frustração
 fúria
 horror
 hostilidade
 humilhação
 impaciência
 incômodo
 indecisão
 indiferença
 ingratidão
 insatisfação
 insegurança
 inveja
 irritação
 loucura
 luto
 mágoa
 mau humor
 medo
 nervosismo
 nojo
 ódio
 pânico
 pena
 perturbação
 pessimismo
 preocupação
 raiva
 rancor
 receio
 remorso

Sentimentos positivos	Sentimentos negativos
satisfação	ressentimento
segurança	revolta
serenidade	saudade
simpatia	sofrimento
solidariedade	solidão
surpresa	tédio
ternura	tensão
tolerância	terror
tranquilidade	tristeza
triunfo	vaidade
vaidade	vergonha
zelo	vulnerabilidade

Uma proposta de atividade possível:



Fonte: www.pikoli.com.br/painel-sentimentos-hoje-me-sinto-vermelho

Até mesmo a criança que ainda não se expressa por meio de palavras/frases, poderá usar esse meio para identificar como está se sentindo, auxiliando o professor no processo de mediação.

3. Escuta ativa: percepção de como as crianças se comunicam

A escuta ativa é dedicar-se a entender o que o outro diz, uma vez que é mais do que apenas escutar o que é dito em palavras, é verificar o corpo, os gestos, os olhares, a postura, ou seja, é toda essa identificação de como a outra pessoa se expressa por inteiro. Escutar ativamente é ter a percepção para esse todo que fala, e outras vezes, até grita.

Então, é dar meios para que essa criança tenha como se expressar. Ter o direito de estar bem, estar mal, e ter o tempo para lidar ou vivenciar essas emoções. Atividades possíveis, são todas aquelas de fácil acesso, e que a própria criança possa identificar como se sente.

Os professores na vivência cotidiana podem também ter esse entendimento de como cada criança se comunica, seja por gestos, por sons, por apontamentos, essa sensibilidade para entender e estabelecer esse vínculo comunicativo é muito importante quanto prática pedagógica para ações que desnaturalizem as violências.



Fonte: www.jornaldafranca.com.br/confira-aqui-como-fazer-monstrinhos-de-la-para-divertir-as-criancas/

Temos propostas como os monstrinhos de linhas. Feito de linhas de crochê amarradas no meio e a carinha feita com recorte de outros tecidos, podem ser o “**bichinho do dia**”, ou seja, a criança pegará o monstrinho que expressa sua emoção naquele momento e ficará com ele, ao mudar o sentimento poderá trocá-lo (é necessário ter vários bichinhos que expressam a mesma emoção). A ideia é aprender, não apenas manifestar o que se

sente, mas dar um indicativo de como se está no dia, mostrando as aberturas e os limites para as interações naquele dia.

Na mesma ideia anterior, temos os bichinhos que ficam nas mesas ou no local de atividade em que criança está e ela tem a possibilidade de colocar como está, indicando se prefere trabalhar sozinha (quando está irritada, sem paciência), ou em conjunto (feliz, animada).

Elencamos outras propostas abaixo, que servem para a criança dar um indicativo de como se sentiu em determinada situação, quando for necessária a mediação (situações de conflito).



Fonte: br.pinterest.com/pin/519251032027467451/ | Fonte: alunoon.com.br/infantil/atividades.php?c=1261

4. Espaço de acolhimento

O espaço de acolhimento (Base de acolhimento contraciclos – BAC) poder ser pensado de dois modos; um para a vítima/espectador e um para o agressor. Esse espaço, nos dois âmbitos, serve a propósitos específicos.

PARA A VÍTIMA/ESPECTADOR: É um espaço de conforto, para que a criança agredida ou que sofreu com a situação, se acalme. Evita o sofrimento as outras que assistem/assistiram à agressão.

CONSTRUÇÃO: Pode ter foto de familiares, desenhos, objetos que as crianças tenham algum apego.

PARA O AGRESSOR: É um espaço de reflexão, para que a criança agressora recorde dos laços que possui com a(s) vítima(s), dos momentos conjuntos em que houve o respeito, a construção coletiva. Resgata no agressor os vínculos, reforçando o colaborativo, evitando o distanciamento entre o "eu", o "outro" e o "nós".

CONSTRUÇÃO: Pode ter foto das crianças no espaço escolar, desenhos coletivos (produzidos com todos), objetos que as crianças tenham feito juntos (de massinha, argila, *biscuit*, etc.)

Para se ter uma ideia de como começar, o livro “O espaço mágico que acalma” (indicado na última parte dessa produção) dá ótimos encaminhamentos de como usar ferramentas e métodos com o propósito de ajudar a criança a “sentir-se” melhor (acalmar-se) ou para que ela possa “agir” melhor. Ainda estão presentes neste livro os cinco pilares importantes, são eles: (1) Desenvolvimento da autoestima das crianças; (2) respeito e o

encorajamento; (3) pensamento, sentimento, aprendizagem e decisão; (4) habilidades sociais e de vida (respeito, preocupação com os outros, resolução de problemas e cooperação, como também habilidades para contribuir em casa, na escola e na comunidade); e (5) encorajamento do uso construtivo do poder pessoal e autonomia.

5. Propostas de prevenção

Geralmente, na Educação Infantil, o trabalho mais árduo na desnaturalização das violências é a **prevenção**. A prevenção, consiste em trabalhar com práticas/ações para que os sujeitos consigam se expressar, garantam a efetividade dessa comunicação (o outro entenda o que é dito), para que a violência não seja uma resposta.

Trabalho de letramento emocional = Trabalhar de forma que não ocorra o ocultamento do que se sente; mas aprender a lidar com isso; entender o que podemos expressar livremente e o que devemos procurar meios de expressar de outro modo.

Por exemplo: entender a raiva, mas na hora de expressá-la devemos procurar meios de transpor esse sentimento de formas que não agrida outra pessoa.

Já em contraponto, a felicidade é um sentimento que eu devo entender, e na hora de expressá-la pode ser diretamente com as outras pessoas.

Trabalho de escuta ativa = Trabalhar entendendo o que a criança gosta, o que ela espera e o que não gosta. Assim, é possível “mapear” (mapeamento humano) de ação/práticas/propostas que podem desencadear situações não esperadas, e já pensar em meios de articular isso.

Por exemplo: Ao propor uma atividade com tinta, há uma criança que já identificou que **não gosta da textura do material** na pele, como lidar com a negativa, com a frustração da criança, já propondo meios de mediar a situação (oferecer outro material, oferecer a possibilidade de a criança ter um pano para ir se limpando, etc.)

Trabalho de reestruturação = Trabalhar com o esclarecimento. É não apenas definir, mas deixar claro, o que pode, porque pode e onde pode. A criança precisa entender a rotina e o direcionamento de como ela, seu corpo e sua subjetividade são direcionados dentro do espaço escolar. Possibilitar que a criança tenha direito ao não, mas que ela entenda que mesmo não fazendo o ato, tem que acompanhar os demais, uma vez que há regras coletivas para a convivência, mas que não desrespeitam o próprio “eu” da criança.

Por exemplo: A criança tem direito ao não, “não quero comer”, “não quero tomar banho”, “não quero dormir”, mas, precisa compreender que há normativas conjuntas, então “vai ao refeitório e fica sentadinha com seus colegas”, “vamos com a turma ao

banheiro, você aproveita para usá-lo”, “deita e fica quietinha acompanhando seus colegas”. Isso, implica um aprendizado pelo respeito não pela transgressão dos limites.

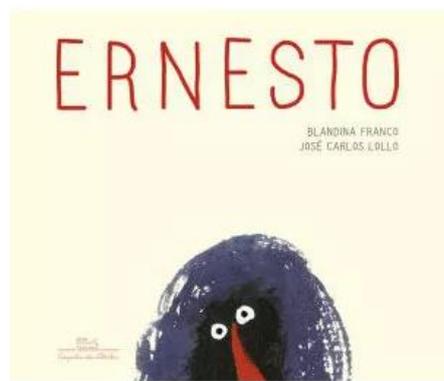
PARA LEMBRAR SEMPRE

- O próprio brincar, ensina a lidar com regras, com o sentimento de frustração, de perder, ganhar.

- Evitar o reforço positivo para ações agressivas (muito comum para bebês): bate no adulto, “ai que bonitinho”, “ai que fofinho”, “olha, aprendeu a bater”.

Sugestão de livros para problematização das violências em trabalhos de desnaturalização com crianças

O momento da leitura é comum na rotina escolar, principalmente no ensino e aprendizagem das crianças. A leitura deleite¹ propicia espaços de vivência com a multiplicidade de gêneros e formas literárias, visando a proximidade do sujeito ao hábito/gosto de ler; mas também pode culminar em outros desdobramentos; como, por exemplo: leituras que possuem temáticas que podem fomentar projetos. Essa é a proposta da listagem abaixo, alguns livros com temáticas diversas sobre *violência* que podem fundamentar projetos para desnaturalizar as violências no âmbito escolar.



LIVRO: Ernesto

AUTOR(ES): Blandina Franco e José Carlos Lollo

RESUMO: Já imaginou se pudesse interferir no final triste de uma história e mudar o seu rumo? É isso o que sugere este livro. Enquanto narra a trajetória de Ernesto, um personagem desajustado, melancólico e sozinho por conta das críticas negativas que recebe dos outros, os autores interrompem a história com as temidas três letrinhas: FIM. Ué, mas acabou assim? Ernesto terminou só e abandonado? É aí que o pequeno leitor é convidado a refletir sobre as consequências que palavras e atitudes depreciativas podem ter sobre alguém. De forma sutil e metafórica, o livro sugere a urgência de aceitar o outro como ele é.

¹A leitura deleite é uma estratégia formativa adotada e divulgada pelo PNAIC (Pacto pela Alfabetização na Idade Certa) que visa ao incentivo da leitura. Para isso, defende a ideia que se deve **ler por prazer, ler por satisfação, ou seja, de uma forma que nos faça sentir bem**. Fabiana Bigaton Tonin; Ana Cláudia Fidelis. Leitura deleite no PNAIC: incentivo ao gosto, ao diálogo e ao encontro com a literatura. In: **Anais do Congresso Infantil de Educação Infantil / Congresso de Creches Universitárias da América Latina e Caribe/Udual**, 2016. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2016. Disponível em: <<https://proceedings.science/coneinf-concuni/papers/leitura-deleite-no-pnaic--incentivo-ao-gosto--ao-dialogo-e-ao-encontro-com-a-literatura?lang=pt-br>> Acesso em: 01 jan. 2023.

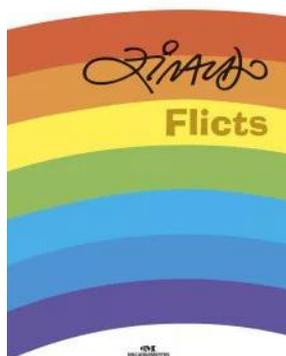


LIVRO: Todos Zoam todos

AUTOR(ES): Dipacho (Pulo do Gato)

RESUMO: Livro da editora Pulo do Gato discute referenciais e representação na infância. Não se engane com o título: longe de querer naturalizar o *bullying*, este livro ironiza o assédio ao falar sobre pluralidade social, construção de identidade e afirmação das diferenças. Se todo mundo já foi incomodado por ser alto, baixo, gordo ou magro. Apresentando animais com as mais variadas características físicas e psicológicas, e ressaltando como cada indivíduo tem seu jeito

particular de ser e se comportar, “Todos zoam todos” levanta uma reflexão sobre convivência e aceitação. Com isso, o livro propõe o resgate de um brincar natural e saudável, e mostra como são relativas às diferenças, a depender do ponto de vista de referência de quem vive. Como defende sua editora, Marcia Leite, “este é um livro que deixa de lado o didatismo e o politicamente incorreto e convida a criança a pensar, de maneira lúdica e bem-humorada, sobre os sentidos e a existência da diversidade”.



LIVRO: Flicts

AUTOR(ES): Ziraldo

RESUMO: Um clássico dos anos 60, “Flicts” é considerado um marco do livro ilustrado no Brasil, e conta a história de uma cor que não encontra o seu lugar no arco-íris por ser diferente de todas as outras. Logo de início, o livro nos apresenta o seu protagonista: “Não tinha a imensidão do amarelo, nem a paz que tem o azul. Era apenas o frágil e feio e aflito Flicts”. A principal questão do personagem é a falta de representatividade, afinal, ele não vê no mundo nada que seja da sua cor. Ao longo de sua trajetória, Flicts assimila pela

experiência própria questões como identidade e individualidade, e como as particularidades de cada um nos fazem únicas.



LIVRO: Bruno e João

AUTOR(ES): Jean-Claude Ramos Alphen (Jujuba)

RESUMO: Cumplicidade e vínculos afetivos na infância. Bruno é grande, alto e robusto. Já João é magro e baixo. Apesar das diferenças físicas dos dois, sua força está no mesmo lugar: o afeto. O livro, de autoria do escritor franco-brasileiro Jean-Claude Ramos Alphen, conta a história de uma amizade que se sustenta pelo desejo de proteção de quem se gosta. Sensível e divertido, “Bruno e João” suscita uma reflexão sobre a potência da amizade na resolução de conflitos

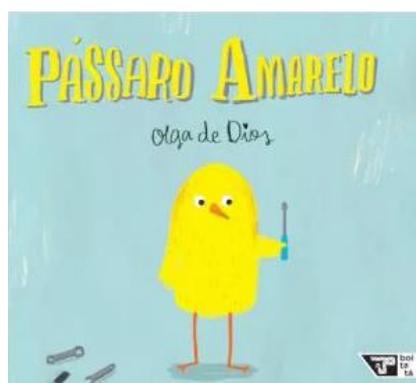
internos da criança, ou seja, de como a identificação pelo outro ajuda os pequenos entenderem seus próprios medos e inseguranças.



LIVRO: Monstro Rosa

AUTOR(ES): Olga de Diós

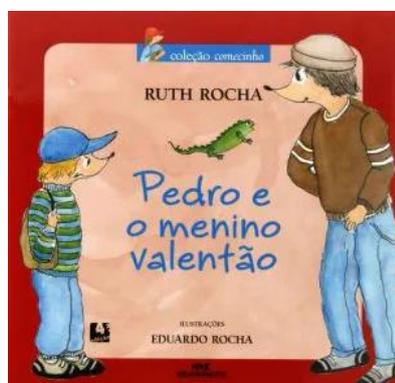
RESUMO: Parte da coleção Boitatá, que pretende trazer para o universo infantil discussões sobre questões engajadas, como desigualdade e preconceito, “Monstro Rosa”, escrito e ilustrado pela artista espanhola Olga de Diós, levanta a bandeira da celebração da diferença. O monstro rosa que dá título ao livro representa a discrepância em um cenário de equalização arbitrária dos padrões estéticos e comportamentais. Até perceber que existe um mundo a ser explorado longe dos padrões impostos pela sociedade, o personagem se confronta diariamente com suas diferenças, em uma jornada pela autoaceitação. Para a editora da Boitatá, Ivana Jenkins, o livro faz parte de uma necessidade social de exercitar o olhar para o diferente. “A criança olha para as coisas e acha que é isso, que o mundo está dado. Precisamos sair das nossas bolhas protegidas”, defende.



LIVRO: O pássaro amarelo

AUTOR(ES): Olga de Diós

RESUMO: O Pássaro Amarelo: para falar sobre inclusão ao diferente. Também parte da coleção Boitatá, este livro foi lançado junto com “Monstro Rosa”. Juntos, os dois compõem uma verdadeira proposta de olhar à diferença por meio da representatividade. Aqui, o personagem principal é um pequeno pássaro que tem uma asa mais curta do que a outra. Por conta de sua deficiência, ele não consegue ter o mesmo desempenho que seus amigos em tarefas simples do dia a dia e, claro, não consegue voar. Então, em um *insight* de empoderamento, ele percebe que sua falta pode significar um diferencial, e passa a criar engenhocas que possam lhe fazer voar.



LIVRO: Pedro e o menino valentão

AUTOR(ES): Ruth Rocha

RESUMO: Quando percebem que o filho está sendo perseguido na escola por um menino mais velho, os pais do protagonista deste livro resolvem ensiná-lo a lutar judô. A partir daí, o menino passa por um processo de entendimento sobre a diferença entre masculinidade e força emocional, e é levado a refletir sobre a ineficiência da violência física. A partir de uma narrativa simples, este clássico de Ruth Rocha (o livro já ultrapassou a 20ª edição) provoca pais e educadores a pensarem sobre os referenciais de comportamento e sociabilidade que passamos às crianças no ambiente familiar.



LIVRO: A terra dos meninos pelados

AUTOR(ES): Graciliano Ramos

RESUMO: Em um lugar onde todos eram iguais, havia um menino diferente. Com a maestria literária de quem criou Vidas Secas, Graciliano Ramos conta aqui a história de Raimundo tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Pelo olhar enviesado dos outros, o menino era uma aberração e nunca falava coisa com coisa. Porém, sozinho em sua imaginação de criança, o menino criava mundos maravilhosos e desenhava em sua cabeça o seu desejo de um dia encontrar um lugar ao qual pudesse pertencer.



LIVRO: Este é o lobo

AUTOR(ES): Alexandre Rampazo

RESUMO: Para desconstruir preconceitos sobre aquilo que julgamos conhecer. Este livro trabalha de um ponto de vista metafórico e altamente simbólico. A história traz em primeiro plano o personagem lobo, que todos já conhecem como o vilão de Chapeuzinho Vermelho. Porém, nem sempre as coisas são o que aparentam ser, e nem as pessoas são o que julgamos que são. Colocado em uma situação de isolamento social por conta da ideia formada que todos fazem dele, o lobo representa aqui o caráter nocivo do pré-julgamento. O leitor que se deixar levar pela proposta do livro vai chegar a uma potente reflexão sobre tolerância e empatia.



LIVRO: O espaço mágico que acalma

AUTOR(ES): Jane Nelsen

RESUMO: Livro ilustrado que auxilia na compreensão da criação do espaço para acolhimento com crianças, pensando no conceito da “pausa positiva” que tem como propósito ajudar a criança a “sentir-se” melhor (acalmar-se) para que ela possa “agir” melhor.

Ideal para fundamentar a criação da Base de Acolhimento Contraciclos (BAC) na Educação Infantil

Essas leituras podem ser o começo de projetos que auxiliam no reconhecimento das diferenças, na validação do “eu”, do “outro” e do “nós”, o que é o principal caminho para evitar que conflitos culminem em situações de violência, uma vez que ao entender o respeito e a garantia ao outro dos mesmos direitos que eu tenho, os desequilíbrios (que geram conflitos) são mais facilmente gerenciados (ou mediados), já que não são nutridos

pela necessidade de expressão, uma vez que a comunicação e o entendimento dos sentimentos individuais e coletivos estarão presentes.

ANEXO L: Proposta para continuidade da oficina durante todo ano letivo

Abaixo, segue uma proposta de continuidade da oficina para todo o ano letivo.

Duração: 8 meses (4 bimestres), pode ser dimensionado (diminuído) conforme necessidade da unidade escolar

Encontros: 1 encontro semanal ou, no máximo, quinzenal.

Organização: 4 encontros (no máximo) por mês.

Oficina: Pode ser dividida em encontros, com vários momentos, ou por cada encontro ter um momento específico abordado, como: palestras, rodas de conversa, dinâmicas e afins.

Para o momento de palestra/exposição do conteúdo pode ser chamado especialistas na área. (Como assistentes sociais, psicólogos, policiais, coordenadores de projetos sociais, etc.)

Finalização: As demandas que surgirem no decorrer da oficina, como observação de algo que já ocorre, pode ser reformulado como propostas de intervenção e apresentadas para constituírem o Projeto Político Pedagógico da escola, como algo que é um desafio da unidade escolar e as ações que serão feitas para resolução.

MESES	TEMAS			
1º mês	<p>Criação de vínculos</p> <p>O que é e qual a importância do acolhimento?</p>	<p>Criação de vínculos</p> <p>O que são e como construir vínculos?</p>	<p>Criação de vínculos</p> <p>Como fortalecer os vínculos na família e na escola?</p>	<p>Criação de vínculos</p> <p>Qual a importância de ter relações saudáveis no combate a situações de violência?</p>
2º mês	<p>Conflitos</p> <p>O que são conflitos?</p>	<p>Conflitos</p> <p>Como os conflitos constituem uma escola democrática?</p>	<p>Conflitos</p> <p>Conflitos de geração: como lidar com as diferenças entre o antigo e o novo?</p>	<p>Conflitos</p> <p>Como mediar conflitos?</p>
3º mês	<p>Violência</p> <p>O que é violência?</p>	<p>Violência</p> <p>Quais os tipos de violência?</p>	<p>Violência</p> <p>Quais os sujeitos nas situações de violência?</p>	<p>Violência</p> <p>Como ocorrem as situações de</p>

				violência na escola e na família?
4º mês	Escuta ativa O que é a escuta ativa?	Escuta ativa Como a escuta ativa ajuda a combater as situações de violência?	Escuta ativa Como a escuta ativa pode ser usada nos processos de mediação?	Escuta ativa Como trabalhar a escuta ativa nas relações familiares e na escola?
5º mês	Cultura colaborativa O que é a cultura colaborativa?	Cultura colaborativa Como trabalhar em grupo respeitando as diferenças?	Cultura colaborativa Como construir um trabalho colaborativo?	Cultura colaborativa Como colocar em prática a cultura colaborativa na escola e em casa?
6º mês	Comunicação não-violenta O que é a comunicação não-violenta?	Comunicação não-violenta O que são a observação, o sentimento, as necessidades e o pedido na comunicação não-violenta?	Comunicação não-violenta O que é e a importância da empatia nas relações?	Comunicação não-violenta Como usar a comunicação não-violenta na escola e com sua família?
7º mês	Relações familiares e na escola Quais as diferenças e as semelhanças nas relações na escola e na família?	Relações familiares e na escola O que são as violências sociais? Vulnerabilidade social?	Relações familiares e na escola O que são as violências urbanas, domésticas e familiares?	Relações familiares e na escola Espaço para alguma atividade interativa entre as famílias e a escola
8º mês	Finalização Recapitular tudo o que foi debatido. O que aprendemos com essa oficina?	Finalização Espaço livre (pode ou não ser usado) para demandas que a unidade escolar tiver sobre a temática.	Finalização Debates com toda a unidade escolar sobre as demandas para resolver/prevenir situações de violência na escola.	Finalização Encaminhamentos para o Projeto Político Pedagógico (PPP).

